

O ENSINO FENOMENOLÓGICO-FRANCISCANO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZADO HUMANO INTEGRAL

*PHENOMENOLOGICAL-FRANCISCAN TEACHING AS A POSSIBILITY
OF INTEGRAL HUMAN LEARNING*

Vinícius de Oliveira Betim¹

RESUMO

O cenário atual da educação é fruto de um processo de fragmentação que vem acontecendo em toda a sociedade devido ao modelo industrial vigente que transforma o processo de criação em uma linha de produção na qual cada funcionário possui seu trabalho específico. Ademais, o método cartesiano, utilizado na esmagadora maioria das ciências, também auxiliou muito nessa visão fragmentada da pessoa humana, não mais a reconhecendo como ser integral. Uma vez que a formação recebida é justamente em vista do trabalho laboral que o aluno desempenhará futuramente e que todo o ensino vigente se baseia completamente no método cartesiano, a formação humana tem sido deixada de lado e tem se aplicado uma educação formal conteudista que ensina a seus alunos que uma nota em uma avaliação o definirá enquanto pessoa. Frente a essa realidade, destaca-se um modelo de formação pautado em valores humanos e que busca a formação da pessoa humana de forma integral, pois, mais do que um trabalhador e decorador de conteúdos, o aluno é um ser humano e, enquanto tal, ser integral. Trabalhar suas capacidades e modo de ser perante a realidade em que se insere é tarefa fundamental para que se consiga um aprendizado de fato. O ensino franciscano consiste neste

¹ Frade Franciscano, aluno do curso de Bacharelado em Filosofia. FAE Centro Universitário. *E-mail*: freiviniciusbetim@franciscanos.org.br

aprendizado integral do ser humano. Tendo como base o próprio Francisco de Assis e mais hodiernamente Frei Hermógenes Harada, OFM, busca-se explicitar de que forma é possível esse método mudar a realidade vigente por meio da mudança na perspectiva de educação.

Palavras-chave: Educação. Formação integral. Franciscanismo. Filosofia. Frei Hermógenes Harada.

ABSTRACT

The current scenario of education is the result of a fragmentation process that has been happening throughout society due to the current industrial model that transforms the creation process into a production line in which each employee has his/her specific job. Furthermore, the Cartesian method, used in the overwhelming majority of sciences, also helped a lot in this fragmented view of the human person, no longer recognizing it as an integral being. Since the training received is precisely in view of the labor work that the student will carry out in the future and that all current teaching is completely based on the Cartesian method, human training has been left aside and a content-oriented formal education has been applied that teaches your students that a grade on an assessment will define you as a person. Faced with this reality, a training model based on human values stands out and which seeks the formation of the human person in an integral way, since, more than a worker and content decorator, the student is a human being and, as such, is an integral being. Working on their capabilities and way of being in the face of the reality in which they are inserted is a fundamental task in order to achieve real learning. Franciscan teaching consists of this integral learning of the human being. Based on Francisco de Assis himself and, more recently, Friar Hermógenes Harada, OFM, the aim is to explain how this method is possible to change the current reality by changing the perspective of education.

Keywords: Education. Integral education. Franciscanism. Philosophy. Friar Hermógenes Harada.

INTRODUÇÃO

O sistema de ensino, tanto básico como superior, tem sofrido um grave processo de fragmentação. A escola, influenciada pela demanda do mercado, foi se adaptando ao processo de industrialização, no qual cada indivíduo passou a exercer uma função específica no processo de produção, principalmente a partir da instalação do modelo fordista, por volta de 1913. Assim, o indivíduo deixa de conhecer o todo do processo, como acontecia antes, e passa a conhecer apenas a sua função específica. Desse modo, houve também a divisão de funções nos sistemas de ensino, uma vez que este é visto apenas como preparação para o serviço laboral que o aluno desempenhará. Cada aluno passou a estudar as matérias como uma função que o ajudasse na produção e construção do conhecimento escolar. Aqui se dá propriamente a tarefa educacional racional como vemos hoje: ouvir, repetir, decorar, dentre tantas formas que consistem apenas em um devolver o conteúdo para aquele que leciona sem se preocupar com o entendimento e apreensão do conteúdo.

A situação crescente das ciências também resultou em uma especialização e fragmentação, tanto de campos como de métodos de investigação. O surgimento cada vez maior de áreas do conhecimento que não dialogam entre si tem sido uma constante na sociedade contemporânea. Tendo início com o pensamento de René Descartes, a visão do ser humano consiste em um aglomerado de órgãos e partes existentes que, juntas, formam uma máquina admirável:

[...] [uma] grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente melhor ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens (DESCARTES, 1973, p. 38).

Assim sendo, segundo Descartes (1973), tanto o ser humano quanto a realidade seriam máquinas que, divididas no máximo de partes possíveis, deveriam ser examinadas de forma a descobrir a função realizada por cada parte específica, esquecendo durante esse processo sua relação com o todo da máquina. O perigo da “segregação” das disciplinas e da realidade consiste na absolutização do método específico para cada disciplina ou para um grupo de disciplinas relacionadas, convergindo na incomunicabilidade das línguas: “cada ciência cria o seu próprio jargão”. Sendo assim, também acontece o encerramento sem pensar nas consequências

(por exemplo, ecológicas, morais etc.) da investigação, e na confusão entre ciência e tecnologia. Daí a necessidade de uma ação que busque recriar uma unidade que salve a coexistência humana e produza uma sinergia de intenções.

A problemática não é tão recente, cada época tentou resolvê-la com os meios ao seu alcance, isto é, a partir do mito, na base da reflexão especulativa, apoiando-se nos conhecimentos científicos variados, seja das ciências empíricas (fisiologia, bioquímica etc.), como das ciências humanas (psicologia, sociologia, antropologia cultural, etnologia). Por ser um constante vir a ser, o conhecimento jamais poderá ser definido em si, mas apenas pequenas facetas podem ser explicitadas por meio das diversas áreas da ciência. Contudo, isso não impede que essas diversas áreas multidisciplinares se relacionem entre si formando um conhecimento mais integral e dinâmico sendo assim um ensino interdisciplinar.

Antes de prosseguir, é preciso clarificar a confusão terminológica: os termos *multi- pluri- inter-* disciplinaridade não significam a mesma coisa: a multidisciplinaridade é uma consideração múltipla que permanece uma mera soma de considerações de um fenômeno sem comparações significativas entre as disciplinas que o examinam. A pluridisciplinaridade é uma consideração pluralista que ocorre quando várias disciplinas contribuem para um fim comum sem que cada uma tenha necessariamente de modificar a sua própria visão das coisas e dos métodos. Já a interdisciplinaridade é quando se pode indicar, para várias disciplinas, um formalismo suficientemente geral e preciso que exprima o conteúdo e as características de várias disciplinas (que de outra forma ficariam fechadas no seu próprio jargão), bem como a criação de um entendimento comum que produza uma modificação da visão das coisas e dos métodos próprios de cada ciência. A interdisciplinaridade tem o efeito de integrar melhor os conhecimentos, e facilita o intercâmbio entre disciplinas.

Enquanto isso, várias das pessoas que se dizem formadas nesse modelo de ensino fragmentado são bombardeadas a todo momento com informações de todos os tipos; muitos se veem perdidos, pois não sabem relacionar aquilo que receberam em sua formação acadêmica com a sua realidade, estão tão focados em uma ação específica que nada fora daquilo lhes faz sentido. Segundo Emmanuel Carneiro Leão, filósofo contemporâneo, isso não é aprendizado, pois “aprender é um modo de tomar posse: de apossar-se e de apropriar-se” (LEÃO, 1989, p. 46). Desse modo, as pessoas não aprendem no modelo de ensino atual, apenas decoram conteúdos que são replicados em provas avaliativas que definem qual aluno possui melhor capacidade de memorização.

1 O ENSINO FRAGMENTADO E CONTEUDISTA ATUAL

Educação é o caminho pelo qual uma pessoa, em trilhando, se forma e se desenvolve cada vez mais como pessoa humana em seus aspectos intelectual, moral, físico e social. Dessa forma, a educação deve formar o ser humano por inteiro, de forma integral. Contudo, o que mais se pode ver no sistema educacional é uma fragmentação que faz com que cada vez mais se veja a realidade em aspectos específicos, como burros guiados por cabrestos e que não conseguem ver nada além daquilo que entremeia as tiras de couro. Uma população alienada, aquém de toda forma de conhecimento real e vivencial é o fruto de tal metodologia de ensino defasada.

As matérias escolares não são como gavetas de um armário que comportam cada qual algo diferente e de uso específico. Pelo contrário, são como um emaranhado de fios que formam uma teia e que em sua relação formam a estrutura do ensino em si. A realidade não é estática. Essa consciência já vem desde a Grécia Antiga quando os pensadores da protofilosofia buscavam mostrar esta dinamicidade, dentre eles Heráclito com seu fragmento 91 sobre a impossibilidade de banhar-se duas vezes em um mesmo rio. Sendo, portanto, a realidade algo dinâmico, para entendê-la é necessário também um estudo dinâmico que forme, aqueles que dele usufruírem, para a vida humana e seus desdobramentos, como afirma a pedagoga Heloísa Lück em sua visão do que deveria ser o ensino:

Integração e engajamento de educadores num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (LÜCK, 1995, p. 64).

Portanto, alguém que estuda apenas para ter algo decorado para colocar nas provas, ou ainda “vomitar” todo o conteúdo que sabe na primeira oportunidade que tiver, não será um bom aluno. Será bom aluno aquele que aprende com a vida e deixa-se formar por toda a vida, reconhecendo-se sempre um humilde aprendiz que adquire conhecimento mediante as adversidades da sua existência. Sendo assim, podemos concluir que:

Em sua essência de formação, ensinar e aprender não é outra coisa do que tomar conhecimento da realidade enquanto já a temos e a sabemos. Conhecer, na dinâmica originária de formar,

é um nascer com, um reconhecer: do amor a amorosidade, da vida a vitalidade, do ódio a odiosidade, da morte a mortalidade, do outro a alteridade, da pessoa a pessoalidade, do instrumento a instrumentalidade, da matéria a materialidade, do animal a animalidade, do homem a humanidade, das diferenças a identidade (LEÃO, 1989, p. 48).

Ademais, tal metodologia de ensino massacra a criatividade que é parte integrante do ser humano. Muitas escolas estão apenas focadas em fazer com que seus índices de aprovação em vestibulares sejam altos e esquecem de quantos revolucionários poderiam estar saindo daquele lugar. É inimaginável quantos inventores e criadores são castrados de sua imaginação por esse modelo educacional. Uma mãe decidiu relatar essa experiência diante das tarefas escolares do filho:

Meu filho só tem cinco anos e já sabe o que a escola espera dele: que siga os padrões e se aperte, se ajeite para caber no formato que desejam, que obedeça às ordens para poder brincar no parquinho depois. E que não seja criativo para não ter problemas com a professora.

Todos os seus deveres de casa têm desenhos, os quais ele obrigatoriamente precisa pintar. Não adianta apenas escrever os nomes, colocar as quantidades, completar com as letrinhas que faltam, escrever os números. Não. Pintar é atividade obrigatória. Se esquecer, a professora devolve para casa com bilhete: incompleto. Não, ele não pode escolher se vai ou não pintar. Suspiro sem falar nada. Eu achava chato demais ter de pintar, quando eu era criança. Nunca gostei dessa atividade. Aliás, não entendo o estrondoso sucesso de livros para colorir para os adultos. Eu achava perda de tempo. Não me “desestressava”: pelo contrário. Contudo, preciso dar exemplo (de obediência) para meu filho. Preciso? Sim, o papel da escola parece ser o de formar pessoas obedientes, e a família precisa contribuir com a sua parte, embora a gente diga bonito no discurso que o papel da escola seja formar o cidadão crítico-reflexivo... Já que o menino tem de pintar, não tem jeito. Vamos ao trabalho. Então, ele tem à disposição vários materiais para colorir. Bastante tinta guache, giz de cera variado, cola colorida, canetinhas de vários tamanhos e, claro, muitos lápis de cor. Poderíamos fazer uma festa na hora da pintura com tanto material disponível. Poderíamos, mas não podemos. Ele não pode escolher com o que pintar. Um dia, sem se lembrar dessa regra, ele pintou com giz de cera. Ficou lindo. A coordenação motora e a paciência dele são melhores do que

as minhas. Sem um borrão, tudo pintado com capricho. Mas, no dia seguinte, a professora ralhou com ele. Só pode pintar com lápis de cor.

Dias desses, em uma atividade de contar e escrever os numerais, havia vários desenhos de bichos para ele obrigatoriamente pintar. Para cada animal vinha uma pergunta: “Mãe, posso pintar a tartaruga de verde?” ou “Posso pintar o leão de amarelo-queimado, porque é o que mais parece com a cor dele?” Eu só respondia: “Filho, o dever é seu. Pinte como sua imaginação mandar. Use sua criatividade!” E ele, obediente, pintava tartarugas verdes, leões de amarelo-queimado. Pouco depois, ele entrou em pânico. Não tem lápis de cor cinza para pintar o elefante! Ora, filho, pinte de qualquer cor. Por que não pinta o elefante de rosa? Ele riu. Achou engraçado. Disse que seria bom pintar o elefante de rosa. Mas não podia, porque a tia vai brigar. Tem que pintar da cor que as coisas são, foi a resposta. Eu imaginei um varal com os desenhos dos alunos. Tudo igual Tartarugas verdes, leões marrom-claro (embora meu filho afirme que o leão seja dourado) e elefantes cinzas, enquanto minha imaginação queria um festival de cores, texturas, pinceladas, dedinhos sujos, risos felizes, carinhas ansiosas para que as obras de arte fossem apreciadas... Lógico que meu filho sabe que os elefantes são cinzas na vida real (pelo menos os que ele viu até agora). O que ele precisa, no entanto, é que a escola não mate e coloque em extinção seus elefantes cor de rosa! (SILVA, 2018, p. 14-16).

2 O BENEFÍCIO DE UM ENSINO HUMANO INTEGRAL

Como já se pode perceber, o ensino integral do ser humano é algo necessário para que ele seja, em ato, tudo aquilo que em potência lhe é permitido ser. Uma breve história escrita por Merton (1969) diz que um jovem monge já havia estudado por anos e, pensando já ter aprendido quase tudo o que podia, decidiu buscar o conhecimento que lhe faltava para se iluminar com o maior mestre *zen* da época. Ao encontrar o sábio ancião, o jovem foi logo se enaltecendo de toda a sabedoria que já havia acumulado em seu percurso formativo e explicou o motivo pelo qual estava lá. Depois de pacientemente ouvi-lo, o ancião disse: “Primeiro vamos tomar uma xícara de chá”. Ele serviu a própria xícara e começou a encher a xícara do aprendiz. Mas, mesmo tendo completado a xícara, o ancião não parou de servir o chá, que

começou a se espalhar sobre toda a mesa. O aprendiz, atônito, ficou observando a cena, contudo, chegou o momento em que não aguentou mais e falou: “Mestre, o chá está entornando na mesa! O senhor não está vendo que a xícara já está cheia, que não cabe mais nada nela?” O mestre colocou o bule na mesa e respondeu: “Sim, estou vendo que a xícara está cheia. Ela está tão cheia quanto você, que chegou aqui transbordando com todo o conhecimento que me disse já ter adquirido. Se você não esvaziar sua xícara, qualquer coisa que eu tente ensinar-lhe será inútil, pois vai apenas transbordar, assim como aconteceu com o chá”.

Pode-se perceber, a partir desse breve relato, que o ensino integral do ser humano vai além da simples transmissão do conhecimento. O verdadeiro ensino é aquele que muda o modo da pessoa ver o mundo em que está e o modo que se comporta frente a essa realidade. Essa forma de se colocar aberto ao aprendizado em toda a oportunidade que lhe aparece é a característica principal do ensino integral, um ensino que forma a pessoa para a vida e não apenas para o trabalho e para provas, apenas uma parte dessa imensidão que é a existência humana.

No cotidiano em que se vive, é muito comum vermos a necessidade de ligação entre tudo. Na academia deve-se treinar todos os músculos para não crescerem desproporcionalmente. Além disso, deve se alimentar corretamente. Mas em que a alimentação vai interferir? Em tudo, porque não se separa uma realidade que é íntegra. A alimentação interfere no treino, que interfere na saúde, que interfere na qualidade de vida e assim por diante.

2.1 JUSTIFICATIVA

Uma vez que a realidade em que a humanidade se encontra atualmente é regida pelo lema “*time is money*”, não se dedica mais tempo para a formação integral do ser humano, pois isso não é útil para a produção, em nenhuma linha de produção há um setor específico de integração humana. Contudo, essa formação é necessária. Primeiramente por ressaltar o valor humano acima de uma função que ele desempenha ou de um cargo que ocupa. Posteriormente, por observar o crescente número de adeptos da psicologia e psiquiatria que buscam trabalhar problemas acarretados por essa falta de formação integral.

Sendo assim, independente de religião e crença, Francisco de Assis ganha, ainda hoje, inúmeros admiradores devido ao seu modo de vida, de observar a natureza e de se relacionar com todos seus irmãos e irmãs. Pode-se afirmar que é um grande

exemplo de pessoa humana por saber aprender com a vida. E mais recentemente, Frei Hermógenes Harada, OFM, foi alguém que por meio de sua filosofia fenomenológica muito contribuiu para esse método de ensino-aprendizado. Faz-se ímpar, portanto, analisar essa maneira de deixar-se formar pela vida por toda a vida, estando sempre aberto a estas oportunidades que nos apresentam e buscando sempre ser mais humanos, uma vez que esse meio é o mais recomendado para superação dos problemas decorrentes da modernidade.

Diante de tal cenário, o presente trabalho busca explicitar a contribuição do ensino fenomenológico-franciscano para uma formação integral do ser humano, dividindo em dois pontos principais de abordagem, são eles: o ensino franciscano e a aplicação da pedagogia franciscana.

O trabalho de fundamentação teórica iniciará mostrando a importância de um ensino franciscano para a realidade vigente, ensino que busca a cada instante um aprendizado e reconhece a importância de se trabalhar o ser humano como um todo.

Em seguida se trabalha acerca das origens de tal pensamento na pessoa e na vida de São Francisco de Assis, discutindo como de fato essa experiência esteve presente na realidade do Santo.

Para tornar mais próximo da realidade presente, busca-se atualizar a visão franciscana pelos escritos e visão de Frei Hermógenes Harada, OFM, que por meio da fenomenologia mostra essa valorização como possibilidade de vir-a-ser em cada fenômeno vivenciado.

Por fim, apresenta-se como tal projeto já busca ser implementado hodiernamente através de projetos implementados em algumas unidades de ensino.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de tal contexto marcado pela fragmentação da educação, é possível ver a necessidade de uma reforma educacional. Mas diferentemente das reformas propostas para o novo Ensino Médio como tem sido apresentado no Governo brasileiro é uma outra reforma, que Frei Hermógenes Harada expressa muito bem:

[Falam, então,] que é necessário repensar e reformular a educação. Acho também que isso é necessário, mas não no sentido como eles estão pensando. [...] Se há a necessidade de reforma aqui, é no sentido de fazermos o pouco que podemos com maior empenho e fidelidade, sem essa onipotência [...] de querer atingir todo

o mundo. Seria necessário voltar o estudo ao recolhimento no pouco do “ora et labora” e redescobrir na alienação de um estudo artesanal o novo e o antigo Vigor do Espírito. [A vaidade, a busca de] promoção e onipotência! Tudo isso é que está educando mal os estudantes (HARADA, 2009a, p. 140).

Como dito por Harada, o incentivo para estudar tem sido maculado. Facilmente, ao se perguntar a alguns jovens estudantes do Ensino Médio o porquê da escolha da profissão que querem seguir, escutar-se-á que a área do conhecimento escolhido foi devido ao salário que se ganha. Claro que não se pode ser hipócrita neste momento e afirmar que o dinheiro não é essencial e algo do gênero, contudo, como já dito nesse trabalho, deve-se ter como foco de estudo a realidade na qual se insere e sendo essa uma realidade capitalista em que o capital é essencial para sua subsistência, o indivíduo terá que buscar sim receber, mas este não deve ser seu único e primeiro foco.

Tal realidade é muito bem colocada por Francisco em sua Regra em que diz “aqueles irmãos aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar trabalhem fiel e devotamente, de modo que, [...], não extingam o espírito (cf. 1Ts 5,19) da santa oração e devoção, ao qual devem servir todas as coisas temporais” (REGRA BULADA 5,2-3). Desse modo, o Santo de Assis assegurava que o foco ali não seria o recebimento de algo material, mas sim o cultivo do Espírito. Assim também o estudo não deve ser focado naquilo que se conseguirá exercer com ele, mas sim na edificação pessoal que este lhe gerou. Sobre isso, afirma Roberto Zavalloni:

As formas individuais de desenvolvimento humano assumem um caráter educativo na medida em que se combinam para formar o todo do ser humano. No ápice da personalidade é precisamente o princípio que dá unidade e valor educativo a todos os aspectos do desenvolvimento humano; e é uma consequência imediata da natureza do homem e da sua unidade substancial, sobre a qual se funda, em última instância, a ação educativa² (ZAVALLONI, 1995, p. 17, tradução livre).

² “Le singole forme de sviluppo umano assumono un carattere educativo in quanto concorrono a formare tutto l'uomo. La convergenza di questi sviluppi nell'apice della personalità è precisamente il principio che dà unità e valore educativo ad ogni aspetto dello sviluppo umano; ed è una immediata conseguenza della natura dell'uomo e della sua unità sostanziale, su cui si basa in ultima analisi l'azione educativa” (ZAVALLONI, 1995, p. 17).

Esse processo deve gerar também a reflexão sobre o que deve ser estudado. Atualmente, aquilo que não se pode ser empregado na linha de produção não tem um “porquê” de ser estudado. Mas esse critério exclusivo deixa de lado o interior de cada um, Hermógenes afirma:

A turma fala muito de vivência e prática, e acha que o nosso estudo é teórico e racional. Não estão percebendo que a teoria e a razão são uma grande emoção. Vou iniciar a aula de amanhã com a frase de Millôr Fernandes: “A razão tem emoções que o coração desconhece”. É engraçado, pois é uma paráfrase à célebre sentença de Pascal: “O coração tem razões que a razão desconhece” (HARADA, 2009a, p. 94).

Sendo assim, um ensino fenomenológico-franciscano se baseia nesse interpretar antes de tudo a realidade que cerca a cada um, pois os conhecimentos e formações que o ser humano possui são para prepará-lo para a vida. Esse fenômeno anterior a toda e qualquer forma de racionalização e conceitualização é o cotidiano, possibilidade de aprendizado e formação daquilo que em sendo somos, e sendo dessa forma nos conformamos com o projeto divino que Deus fez para cada um, uma vez que só se perfaz esse caminho na medida em que se deixa guiar pelo espírito de oração e devoção, que, mesmo não sendo assim caracterizado, age em toda e qualquer abertura para a realidade e o transcendente.

3.1 O ENSINO FRANCISCANO

Em relação ao problema aqui examinado, nos perguntamos antes de tudo em que sentido um ensino franciscano constitui o ponto de partida de toda caminhada formativa e educativa. Esclarecer o sentido de ensino tal como é entendido aqui, justamente como práxis da educação, é essencial para se adotar esse modelo educacional. Faz-se referência constante ao próprio São Francisco por seu papel desempenhado como pai e mestre de seus frades, deixando clara a verdadeira razão de ser da pedagogia franciscana.

Mediante contato e relação com a sociedade que o cerca, o indivíduo vai adquirindo qualidades, hábitos, formas de pensar e de agir, entre outras características para se inserir ativamente no ambiente em que se encontra. Sendo ele naturalmente relacional, sua personalidade é formada a partir da indicação dos objetivos, identificação dos recursos disponíveis e traçando, assim, os procedimentos, escolhendo os mais eficazes. Sobre isso Roberto Zavalloni aponta:

A educação favorece o desenvolvimento físico, intelectual e moral da pessoa humana, para a plena autoconsciência e pleno autocontrole, e para a recíproca resposta às necessidades de comunicação e cooperação social, na participação dos valores³ (ZAVALLONI, 1995, p. 15, tradução livre).

A formação, portanto, refere-se aos processos necessários para que as potencialidades subjetivas amadureçam ou aprendam a funcionar após a integração com o meio, a participação cultural e social mediada e o apoio de personalidades e instituições específicas. Devido a essa realidade, o ambiente de formação franciscana deve ser espaço propício para o desenvolvimento humano e aplicação das virtudes orientadoras desse processo. O próprio São Francisco mostra o modo de agir: “[...] não litiguem nem contendam com palavras (cfr. 2Tm 2,14), nem julguem os outros; mas sejam amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém” (REGRA BULADA 3,10-11).

Outra distinção a ter em conta é aquela entre “informação” e “formação”: o primeiro termo significa a mera transmissão de conceitos, o segundo o desenvolvimento de capacidades autônomas do sujeito. Tudo que está implícito no conceito de “educação”, mas vai muito além desse conceito. Isto é, do que aquela inerente a uma educação integral, mais geral, que molda, por assim dizer, o espírito para adequá-lo cada vez mais às necessidades de seus próprios estados. A formação humana deve levar à maturidade da pessoa e, portanto, não podem se restringir apenas a determinadas áreas, mas entende-se o quão importante é incluir também o nível afetivo e a forma como este nível se integram ou permanece alheio aos objetivos de crescimento, tanto humano como espiritual, de um indivíduo. No excerto da Regra Bulada acima citada, pode-se perceber a integração afetiva na formação do frade.

“Afim, educar franciscanamente é mais do que um método de ensino, é plataforma fundamental e privilegiada para formar pessoas íntegras e, conseqüentemente, construir a nova civilização do amor, da fraternidade e da paz” (MANNES, 2021, p. 105). Desta maneira, contribui-se para uma sociedade não mais alheia de si mesma, mas de fato voltada a seus indivíduos, que integralmente formados, deixam-se formar pela realidade que os cerca. Esse é o salto no escuro abismo que concede àqueles que se arriscam um vislumbre daquilo que se pode chamar verdadeira liberdade e formação humana.

³ *“L’educazione favorisce lo sviluppo fisico, intellettuale e morale della persona umana, verso la piena coscienza di sé e il pieno dominio di sé, e verso la rispondenza reciproca alle esigenze della comunicazione e cooperazione sociale, nella partecipazione di valori”* (ZAVALLONI, 1995, p. 15).

3.1.1 A Visão de São Francisco

Nas fontes bibliográficas de Francisco de Assis, pode-se constatar vários elementos que o apresentam como “mestre de vida integral”. Suas atitudes tão humanas e fraternas atestam a sua sensibilidade como educador. Ele tinha a preocupação de primeiramente praticar o que, em seguida, havia de ensinar por palavras, pois uma pedagogia libertadora requer coerência de vida com os valores que verdadeiramente libertam e favorecem o desenvolvimento integral das pessoas. Exemplo disso é sua carta dirigida a Santo Antônio de Pádua, em fins de 1223 ou início de 1224. Nela, atesta-se a permissão de “ler” (ensinar) a sagrada teologia aos irmãos da Ordem Franciscana. Contudo, adverte aos estudiosos que não percam o Espírito de oração e devoção. Nisso se mostra a preocupação de Francisco em se perder o real sentido dos estudos, para ele nada vale o estudo sacro sem o espírito que dele brota. Outro aspecto importante que se pode analisar é a visão de Francisco frente aos estudiosos: não acolheu sábios e letrados em sua Ordem devido à ciência deles, mas para que, com amor, colocassem os seus conhecimentos a serviço dos frades, da Igreja e da sociedade.

Das Fontes Franciscanas, presume-se, então, que os franciscanos podem se dedicar aos estudos, porém sem deixar de buscar, antes de tudo, o “espírito do Senhor e o seu santo modo de operar” (REGRA BULADA 10, 8). Francisco não era contrário aos estudos da ciência, mas reitera Boaventura: “Agradava-lhe muito o fato de ver os irmãos não estudarem unicamente para saber como falar, mas para pôr em prática primeiro aquilo que tiverem aprendido e, depois de terem posto em prática, ensinar aos outros aquilo que eles devem fazer” (BOAVENTURA, 1979, p. 53).

Francisco quer, dessa forma, inspirar uma maneira de ensino que se responsabilize pelo desenvolvimento integral da pessoa: seu caráter, sua cognição, sua relação consigo mesma, com as pessoas, com a natureza e com Deus. Trata-se, então, de um processo formativo, de um vir-a-ser do humano até a plena forma de si. Por conseguinte, o processo educativo franciscano não privilegia apenas o aspecto cognitivo, nem somente a transmissão de informações e conhecimentos, mas coloca o desenvolvimento pleno da pessoa no centro do processo. Assim, a instituição de ensino contribui para o desenvolvimento integral e sadio dos educandos, aprimorando todas as suas potencialidades e capacidades: física, intelectual, moral, afetiva, social e religiosa.

3.1.2 Contribuição de Frei Hermógenes Harada, OFM

Frei Hermógenes Harada, OFM, foi um religioso franciscano que muito se dedicou à formação de outros religiosos, principalmente nas áreas de filosofia e franciscanismo. Para ele, alguém que estudou deve possuir “[...] uma percepção nítida, clara do sem sentido de todas as coisas. Você adquire um olhar muito penetrante e clarividente. Você por assim dizer vê as diferentes camadas das coisas e das intenções” (HARADA, 2009a, p. 32). Ou seja, é um novo modo de ver a realidade em que se está inserido. Segundo ele, “[...] o esforço é de mostrar que o cotidiano onde se vive é tudo extraordinário, [...] [e este extraordinário] só tem sentido se se mantiver nessa sobriedade da Pobreza” (HARADA, 2009a, p. 77).

Portanto, para Hermógenes, o saber deve se basear em uma Pobreza que sustenta todo o modo de ver a realidade. Mas o que seria essa Pobreza? “O homem se despoja de tudo, do seu saber, do seu poder, do seu querer, agir para saborear, poder, querer e agir na fluência da Vida. Recupera assim numa base muito mais rica o humano” (HARADA, 2009a, p. 66). Recordando a história de Merton já citada anteriormente, é a disponibilidade ao aprendizado e não o apego às realizações e conhecimentos já adquiridos. É o saber calar diante da imensidão do mistério que se apresenta a cada instante diante das pálpebras daqueles que mais do que ver, buscam enxergar. Pois, somente aquele que está disposto a deixar-se guiar pelo conhecimento, esvaziando-se a si mesmo e abrindo espaço para o novo é um verdadeiro estudioso. Ainda sobre o modo de ensino vigente diz Hermógenes:

Nós que somos formados em um saber científico, se não somos seus criadores, somos ao menos consumidores; estudiosos, especialistas, “ensinadores”, pesquisadores de uma ciência positiva, psicologia, pedagogia, espiritualidade, filosofia, teologia etc., como e em que sentido nos responsabilizamos pelo nosso saber, como ligamos o saber com a vida, com tudo que nos rodeia, que se nos retrai, que nos inquieta e até mesmo nos angustia? (HARADA, 2009b, p. 176).

Ademais, em um processo em que o saber tudo decorado é visto como louvável e desejoso, quando não se sabe alguma coisa não se é visto como uma possibilidade de aprendizado, mas como uma total derrota, pois haverá alguém que sabe mais e que em uma possível disputa por um cargo o não saber é fator decisório na escolha de quem o preencherá. Em uma de suas formações, Frei Hermógenes fez uma pergunta a uma religiosa que ao lhe responder lhe gerou a seguinte reflexão:

Esse “não sei” me impressionou. É a primeira vez que ouço de uma Irmã esse “não sei” sem medo, sem ressentimento, sem o “masoquismo” de quem quer se livrar agressivamente de si e dos outros, sem o ensimesmamento e vaidade, sem a afetação. É um “não sei” do Mestre Dschau-dschon, “não sei” que corajoso e sereno inclina a cabeça reverente ao Mistério da Vida e age [conforme] o que pode, e sabe esperar sem se perturbar (HARADA, 2009a, p. 71).

Quando questionado negativamente em seu modo de pensar, Hermógenes também mantinha seu cunho de educador. Mantinha-se fiel à sua forma de pensamento, mesmo que isso lhe causasse incômodos, pois via aquilo como um valor para si e dizia:

Vou conservar-me fiel a essa distração que me afasta da subjetividade. Criar um olho, um ouvido, um coração que só registre os ecos da Realidade. Que os outros pensem de mim o que quiserem. Cuidar só de uma coisa: de manter-me sempre mais na sensibilidade para o essencial. Não me incomodar com o som falso, oco, inflado, venha ele de onde vier. Mas, estar à cata do som que repercute (HARADA, 2009a, p. 140).

Sendo assim, “[...] é inter-ligente aquele que lê entre as linhas da realidade” (HARADA, 2009a, p. 28). Saber se educar frente a toda essa realidade que cerca cada indivíduo é saber, de fato, aprender e ser humilde, mantendo seu espírito sempre voltado para seu objetivo principal, sem distrações do ego e imposições mesquinhas de um sistema mecanicista.

3.2 APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA FRANCISCANA

A pedagogia nasceu como uma reflexão sobre o fato e processo educativo. Ao deparar-se com essa possibilidade, não buscou apenas conhecê-lo, mas sim agir sobre ele e influenciá-lo, aperfeiçoá-lo. A unidade do saber pedagógico apresenta-se, portanto, como um conglomerado funcional de várias leituras educativas que juntas disponibilizam e compartilham o melhor de cada uma. Esta união entre o saber cognitivo e sua aplicação, faz com que a pedagogia seja apresentada como uma ciência teórico-prática ao mesmo tempo.

Segundo Frei João Mannes, OFM, presidente da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus:

Na concepção franciscana de educação, o professor não ser um mero transmissor de conteúdo, mas um mestre que desperta cada pessoa para que possa desenvolver a própria vocação e desenvolver uma consciência mais global, abrangente, que une e integra, levando-o a pensar e a agir em benefício de toda a comunidade (MANNES, 2021, p. 110).

Ou seja, uma formação franciscana deve sim formar o indivíduo em si, mas não termina no indivíduo. A comunidade a qual o indivíduo integra deve também ser ao mesmo tempo educadora e educada para seus fins. Sobre essa forma de ensino, diz Hermógenes:

A esse aprender-se a si, que é o se aprender, em se aprendendo no e o aprender corresponde também um ensinar todo próprio. Ensinar aqui é certamente dar e oferecer, mas o que é dado, oferecido no ensinar não é o que pode ser aprendido ou ensinado. O que é dado ao aluno não é outra coisa do que senão apenas aceno, incentivo para que ele mesmo tome, capte de si a si mesmo o que já é, o que ele já tem e o tem. Se o aluno toma o que lhe é oferecido, ele não aprende. Só vem ao aprender, se experimentar o que ele toma como o que ele propriamente já tem e é somente um verdadeiro aprender lá onde a tomada e a recepção do que a gente já tem e é, é um dá-lo a si mesmo, é um vir a si de si mesmo como autoevidenciação. [...] Daí, ensinar não é outra coisa do que deixar o outro aprender, isto é, consiste em deixar-se mutuamente se aprender. O verdadeiro professor se diferencia do aluno apenas pelo fato de ele poder aprender melhor e ele quer mais aprender. No todo do ensino, aprende mais quem ensina (HARADA, 2009b, p. 144).

Tendo isso em vista, a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus insere-se — nos seus âmbitos de atuação educadora (da Educação Infantil ao Ensino Superior) — em um contexto cultural de mundo significativamente amplo, complexo e diversificado. Seja nos colégios da rede Bom Jesus (Educação Básica e Ensino Médio) quanto na FAE Centro Universitário (Ensino Superior), o “mundo” se mostra como espaço de confluência das mais candentes questões humanas, psicológicas e espirituais tendo como prática pedagógica o compartilhamento de situações limítrofes da sociedade contemporânea no que se referem às fragilidades emocionais, aos dramas individuais e familiares.

Está inserida em uma complexidade de mundos profundamente marcados por uma cultura centrada no “eu”, pela liquidez de tudo, apresentando um modelo educacional que promove uma nova compreensão de ser humano e de sociedade, e que gera uma nova cultura de fraternidade e de paz. Em outras palavras é preciso humanizar a educação, ou seja, é necessário:

[...] torná-la um processo em que cada pessoa possa desenvolver as próprias atitudes profundas, a própria vocação e assim contribuir para a vocação da própria comunidade. “Humanizar a educação” significa colocar a pessoa no centro da educação, num quadro de relações que compõem uma comunidade viva, interdependente, vinculada a um destino comum. É desta maneira que é caracterizado o humanismo solidário (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, p. 8).

Tendo tal perspectiva como base, a Associação busca trabalhar o ensino de forma fenomenologicamente-franciscana e baseando-se em princípios de valores humanos formando alunos e professores não apenas para uma educação fragmentada e conteudista, mas para se deixarem formar pela vida por toda a vida.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de um estudo de reflexão dos escritos deixados por Frei Hermógenes Harada, OFM; tendo em vista apresentar como os pensamentos do filósofo podem contribuir tanto para a visão de mundo quanto para o desenvolvimento da ciência, de forma que ambos caminhem por uma vereda ética e progressiva de formação integral do ser humano.

Utilizando de compilações dos textos de Hermógenes, da experiência do autor como religioso franciscano inserido no meio educacional e comentários de franciscanólogos e estudiosos acerca do ensino franciscano, busca-se oferecer uma visão da perspectiva de ensino sobre a pessoa humana e toda a Criação, tendo em vista a sua interface com o contexto escolar.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir, portanto, que o atual modelo educacional deve ser rapidamente substituído, uma vez que se mostrou insuficiente e ineficaz na realização de sua tarefa de ensinar. Uma possibilidade para essa mudança é o ensino fenomenológico-franciscano que busca formar o ser humano em sua inteireza, não o enxergando como uma máquina em que se deve estudar as peças separadamente. Deixar-se formar pela vida por toda a vida é uma tarefa essencial, ainda mais na hodiernidade em que muitos são os conhecimentos e assuntos disparados a cada segundo na internet. Saber se relacionar com essa realidade é essencial.

Em suma, vários dos problemas enfrentados atualmente, como a depressão, a hiperatividade, o TDAH, a ansiedade, dentre outros, poderiam ser melhor trabalhados por todos aqueles que buscam se formar integralmente, uma vez que a educação afetiva e psicológica seriam pontos abordados em sala de aula e o tabu que muitas vezes é anexado a tais situações cairia por terra. O objetivo de tal metodologia é a busca de uma sociedade mais humana e fraterna, onde o ser humano seja foco de atenções e o outro seja prioridade na vida de cada um.

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA. **Legenda maior e Legenda menor**: vida de São Francisco. Petrópolis: Vozes-Cefepal, 1979.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário**: para construir uma civilização do amor. Brasília: CNBB, 2017. (Documentos da Igreja, 41).
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- HARADA, Hermógenes. **Da fidelidade do pensamento**: fragmentos de um diário. Porto Alegre: D. Fassini, 2009a.
- HARADA, Hermógenes. **Iniciação à filosofia**: exercícios, ensaios e anotações de um principiante amador. Teresópolis: Daimon, 2009b.
- LEÃO, Emmanuel C. **Aprendendo a pensar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MANNES, João. **Experiência e pensamento franciscano**: aurora de uma nova civilização. Petrópolis: Vozes, 2021.
- MERTON, Thomas. **A via de Chuang Tzu**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- REGRA BULADA. **Centro Franciscano de Espiritualidade**, 2021. Disponível em: http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontesleitura?id=182&parent_id=43. Acesso em: 20 set. 2021.
- SILVA, Solimar. **Avaliações criativas**: ideias para trabalhos nota 10! Petrópolis: Vozes, 2018.
- ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia francescana**: sviluppi e prospettive. Assis: Porziuncola, 1995.